



Entre batidas e bênçãos: circulação e multipertencimento na trajetória da DJ Tamy Reis

Sthefanye Silva Paz 

Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Email: sthefanyepaz@hotmail.com

Resumo

Este artigo analisa a trajetória de Tamyres Reis, DJ negra e evangélica do Rio de Janeiro, explorando suas formas de circulação entre os universos secular e religioso através da música. A partir de uma perspectiva etnográfica, investigo como sua atuação profissional como DJ de hip-hop e black music evidencia possibilidades de multipertencimento e mediação cultural no contexto urbano contemporâneo. Argumento que sua trajetória desafia visões essencialistas sobre identidade religiosa, demonstrando como jovens evangélicos podem construir formas próprias de vivenciar sua fé em diálogo com diferentes esferas sociais, especialmente através da música e do trabalho artístico.

Palavras-chave: Juventude; Religião; Música; Multipertencimento; Mediação Cultural



Between beats and blessings: circulation and multiple belonging in DJ Tamy Reis' trajectory

Abstract

This article analyzes the trajectory of Tamyres Reis, a Black evangelical DJ from Rio de Janeiro, exploring her forms of circulation between secular and religious universes through music. From an ethnographic perspective, I investigate how her professional work as a hip-hop and black music DJ evidences possibilities of multiple belonging and cultural mediation in the contemporary urban context. I argue that her trajectory challenges essentialist views of religious identity, demonstrating how young evangelicals can construct their own ways of experiencing faith in dialogue with different social spheres.

Keywords: Youth; Religion; Music; Multiple Belonging; Cultural Mediation

Introdução

Conheci a DJ Tamy durante minha pesquisa para monografia de conclusão de curso na graduação em Ciências Sociais realizada na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Em junho de 2014, quando, em busca de campo e interessada pelas temáticas da religião e da juventude, visitei o Baile Black Gospel Crewolada realizado no Bangu Atlético Clube. Naquele espaço, ela se apresentava como DJ, e como boa parte dos jovens presentes, ostentava uma forte estética black, composta por estampas coloridas, penteados elaborados e cabelos crespos, acessórios e turbantes, elementos que compunham aquele espaço junto com as coreografias das músicas que eram tocadas e dançadas pelos presentes.

Naquele momento, não dei continuidade à pesquisa, seguindo outros caminhos investigativos. Anos depois, já no doutorado, reencontrei Tamy através das redes sociais, após vê-la no Instagram de uma prima que frequentava as festas black e o tradicional baile de Madureira. Durante as festas de fim de ano, através desta prima que mantinha proximidade com Tamy, consegui estabelecer o contato inicial que possibilitaria uma pesquisa desenvolvida entre 2018 e 2022.

O momento do nosso encontro coincidiu com uma fase particular de ascensão profissional de Tamy. Além de seu trabalho como DJ, ela passou a ser representada comercialmente pela "Liga Entretenimento", uma das principais empresas do ramo musical, e lançou sua primeira música em colaboração com outros artistas do segmento black music. Sua presença nas redes sociais se consolidou, ultrapassando cinquenta e cinco mil seguidores no Instagram, com selo de verificação, utilizando a plataforma como ferramenta para visibilizar seus trabalhos e estabelecer parcerias comerciais com grandes marcas como Nike, Adidas, Redley, Melissa e Budweiser.

Nosso encontro inicial aconteceu em um shopping da Zona Norte do Rio de Janeiro. Tamy chegou acompanhada de sua mãe, que aproveitava a ida da filha ao shopping para resolver algumas pendências, um detalhe que já evidenciava o forte vínculo familiar que seria recorrentemente mencionado em nossa conversa de quase uma hora na barulhenta praça de alimentação. Daquele momento em diante, realizei uma pesquisa sobre a trajetória de Tamy através de entrevistas, acompanhamento das suas redes sociais e trabalho de campo em diversos shows e eventos onde ela se apresentou na cidade do Rio de Janeiro.

Família, Música e Fé: As Bases de uma Trajetória

A trajetória de Tamy é marcada por uma singular combinação de influências familiares. Cresceu em um lar onde música e religião se entrelaçavam de maneiras particulares: sua mãe, frequentadora da Assembleia de Deus, transmitiu-lhe a fé evangélica, enquanto seu pai, não praticante de qualquer religião, introduziu-a ao universo da black music através dos discos que tocava em casa, principalmente música americana.

Diferentemente de muitas narrativas sobre religiosidade evangélica, Tamy não passou por um processo de conversão, sua relação com a fé foi herdada. Relata que tanto ela quanto seu irmão frequentaram a Assembleia de Deus até atingirem idade e maturidade suficientes para buscar instituições

religiosas mais *progressistas*, que estivessem mais alinhadas com suas formas de vivenciar o cristianismo. Esta transição não representou um rompimento com a fé, mas uma reconfiguração de como praticá-la.

A formação musical de Tamy deriva de um projeto familiar consistente. Seus pais investiram em sua educação matriculando-a em uma escola de música do Rio de Janeiro, onde aprendeu diversos instrumentos como bateria e violão. Também participava do coral da igreja e estudava teoria musical. Como ela relata: "era importante para meus pais que eu aprendesse sobre música, de forma que eu fiz aula, cantei na igreja e aprendi desde muito nova a ler partituras." Além disso, Tamy tinha em sua própria família um exemplo pioneiro no universo da discotecagem: sua tia, a DJ Aurea, primeira mulher DJ no Rio de Janeiro, que chegou a tocar junto ao DJ Marlboro nos bailes cariocas. Esta referência familiar seria fundamental para que ela vislumbrasse a possibilidade de seguir carreira como DJ.

"Minha mãe sempre quis que eu tivesse uma formação musical sólida, mas dentro dos princípios da igreja. Já meu pai me apresentou outro universo musical, especialmente a black music americana. Foi essa mistura que me fez quem eu sou hoje", relata Tamy, evidenciando como sua trajetória foi moldada por influências aparentemente contraditórias, mas que em sua experiência se complementavam.

Foi ainda durante sua adolescência que o talento musical de Tamy começou a se manifestar no contexto religioso. Ela se tornou responsável por selecionar e tocar músicas para os encontros jovens da igreja e as festas desse grupo. Sua liderança religiosa, demonstrando uma abertura incomum para a época, percebeu seu potencial e, ao invés de desencorajá-la, sugeriu que ela buscasse formação profissional na área.

Da CUFA aos Palcos: A Construção de uma DJ

A formação profissional de Tamy como DJ começou aos 18 anos, através do projeto RAPensando da CUFA (Central Única das Favelas) em Madureira. A CUFA, surgida em 1991 a partir da reunião de jovens negros ligados ao movimento hip hop de várias favelas do Rio de Janeiro, tornou-se um espaço fundamental para sua formação profissional. Seu irmão já participava de uma oficina de moda na instituição, o que a aproximou do ambiente antes mesmo de iniciar sua formação como DJ.

Eu fiz um ano do projeto RAPensando. Aí eu aprendi todas as plataformas e a partir dali eu já comecei a me inserir tocando nos eventos da CUFA mesmo, sacou?! Aí eu fazia LIBRA, que a liga de basquete de rua que tinha e era incrível. Fiz a ULTRACOM, que era o evento de grafite que tinha lá. Comecei tocando nos eventos que tinha lá e depois que fui ocupando outros espaços e outros lugares enquanto artista. (TAMY, informação verbal, 2018)

O reconhecimento do trabalho de Tamy logo ultrapassou os limites dos eventos da CUFA. Ela foi convidada a participar como DJ do programa "Aglomerado", exibido na TV Brasil e apresentado por MV Bill e Nega Giza, duas figuras emblemáticas do hip-hop nacional e da própria CUFA. Estas referências foram fundamentais em sua trajetória. MV Bill, nascido na Cidade de Deus e transformado em rapper, escritor e ator após se inspirar no filme "Colors - As cores da violência", e Nega Gizza, nascida em Brás de Pina, que se tornou a primeira locutora de rap na rádio Imprensa FM.

Posteriormente, Tamy participou do Red Bull Favela Beat, promovido pelo Afro Reggae em parceria com a marca de energéticos. Como ela destaca:

Era um ano, tinha aula de produção musical, além de DJ e gestão de carreira. Era algo que eu queria muito... aí eu fiz o processo seletivo e passei e fiquei esse um ano lá no AfroReggae estudando no Favela Beats, que foi um divisor de águas para minha carreira, sabe?! Eu acho que aquela aula de gestão de carreira era o que faltava para eu me entender como artista e entender o mercado. (TAMY, informação verbal, 2018)

O cenário da discotecagem no Rio de Janeiro passou por transformações significativas desde o início da carreira de Tamy. Se nos anos 1990 os bailes eram predominantemente presenciais, hoje existe uma forte presença digital, com lives e apresentações online complementando os eventos físicos. Essa hibridização entre o presencial e o digital tem criado novas formas de sociabilidade e consumo musical entre a juventude periférica.

Territórios e Circulações: Os Bailes Black como Espaços de Sociabilidade

A trajetória de Tamy Reis revela padrões significativos de circulação urbana no Rio de Janeiro, especialmente através dos bailes black e eventos onde atua como DJ. Sua formação inicial como DJ já evidencia essa mobilidade. Ao longo da juventude morou em Parque Anchieta, Chapadão e Ricardo de Albuquerque, mas se deslocava até Madureira para frequentar a CUFA, um trajeto que ela própria justifica dizendo "para gente que gosta de música negra e movimento hip hop Madureira é muito perto, né?"

Os bailes black onde Tamy atua como DJ residente, Baile do Amor, Yolo Party e Crewolada, constituem pontos importantes de um circuito de sociabilidade jovem no subúrbio carioca, já que essas festas ocorrem principalmente em Madureira e no Centro do Rio de Janeiro. Como observado em campo, estes eventos são caracterizados por uma forte identidade negra, evidenciada não apenas na música, mas também na estética dos frequentadores: cabelos cacheados e crespos bem armados, turbantes, roupas coloridas e tênis descolados compõem o cenário visual destes espaços.

O caso específico do Crewolada merece destaque por sua singularidade como baile *black gospel*. Como analisa Pinheiro (2006), embora esse tipo de evento gere certas tensões no meio evangélico – tanto pelo formato de entretenimento quanto pela predominância da música negra sobre outros subgêneros do gospel – ele se legitima como espaço de valorização da cultura negra dentro do contexto cristão. O Crewolada, apesar de direcionado ao público evangélico, não se fecha a ele, recebendo também frequentadores não religiosos, funcionando assim como ponte entre diferentes mundos sociais.

Em junho de 2014, durante minha primeira incursão etnográfica no Baile Black Crewolada, realizado no Bangu Atlético Clube, na zona oeste do Rio de Janeiro, deparei-me com um universo rico de sociabilidade juvenil negra. A ampla quadra do clube estava tomada por centenas de jovens, configurando um território de expressão cultural e identitária que se estendia ao longo de toda a noite.

A paisagem visual era marcadamente expressiva: jovens vestiam looks marcados por uma estética urbana contemporânea, cujo objetivo era uma afirmação identitária negra. Turbantes coloridos, tênis

esportivos de design arrojado, acessórios diversos e roupas que misturavam tons vibrantes compunham um mosaico estético que transbordava criatividade e pertencimento. Pequenos grupos se formavam e se desfaziam pelo espaço, executando coreografias de passinhos que dialogavam intimamente com os ritmos da black music.

Diferentes DJs se revezavam nos equipamentos, construindo uma narrativa sonora que transitava por diversos subgêneros musicais. Naquela noite específica, Tamy Reis realizou dois sets, evidenciando sua habilidade de navegação entre diferentes temporalidades e sonoridades. O ambiente era complementado pela presença de barracas que comercializavam alimentos e bebidas não alcoólicas, criando um circuito de sociabilidade que extrapolava a dimensão musical.

A Crewolada se configurava assim não apenas como um evento de entretenimento, mas como um território de produção e afirmação de identidades, onde juventude, negritude, música e religiosidade se entrelaçavam de forma complexa e dinâmica.

A história dos bailes black no Rio de Janeiro oferece um importante contexto para compreender a atuação atual de Tamy. Durante os anos 1990, como documenta Vianna (1990), a cidade contava com mais de seiscentos bailes espalhados por seu território, atraindo cerca de um milhão de pessoas nos finais de semana. Estes eventos constituíam a principal fonte de lazer da juventude das camadas mais pobres, com predominância de gêneros como charme, rap e hip hop.

O surgimento e fortalecimento dos bailes coincidiu com o período do "milagre econômico" durante a Ditadura Militar e com a organização da sociedade civil em torno de diversos movimentos sociais, como o movimento negro, feminista e de anistia. Foi neste contexto que a juventude negra brasileira, inspirada pelos negros norte-americanos, começou a expressar mais abertamente o orgulho de sua negritude, influência que se manifestava não apenas na música, mas também nas roupas, cortes de cabelo e toda uma estética que afirmava a identidade negra.

A circulação de Tamy por estes espaços não é apenas física, mas também simbólica. Em seu set musical, como observado em campo, ela transita entre diferentes gêneros da black music como samba, R&B, hip hop e trap, incluindo artistas nacionais e internacionais como Iza, Ludmilla, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Budah, Negra Li, Sza, Usher e Alicia Keys. Esta seleção musical reflete sua capacidade de navegação entre diferentes territórios culturais e sua preocupação em transmitir mensagens positivas, independentemente do contexto religioso ou secular.

Os bailes black constituem muito mais que espaços de lazer, são territórios políticos de construção identitária onde os frequentadores, majoritariamente negros, encontram seus pares e podem expressar-se livremente, sem discriminação. Após o fim da pandemia e a reabertura de bares e boates, a circulação de Tamy como DJ se ampliou. Durante esse período, o alcance de seu trabalho ganhou novos contornos e parcerias. Os primeiros locais onde a observei tocar foram bares e quiosques em bairros como Lagoa, Ipanema e Barra da Tijuca, na zona sul do Rio de Janeiro. Esses espaços eram voltados para a juventude da classe média da cidade, o que alterou seu público-alvo.

Sua atuação ganhou ainda mais circulação e notoriedade quando Tamy se tornou a DJ residente do projeto de pagode da cantora Ludmilla, uma das mais populares do Brasil atualmente. Através do "Numanice", Tamy percorreu o país e até mesmo alguns países, como Estados Unidos e Portugal, levando sua música ao público que acompanha a cantora. Nesses shows, que reuniam milhares de pessoas, ela performava sets que se estendiam por duas a duas horas e meia, navegando por gêneros

musicais como pagode, black music e outros subgêneros, demonstrando sua versatilidade e profundo conhecimento musical. Além disso, ela se apresentou em grandes festivais brasileiros, como "Rock in Rio", "AfroPunk" e "Rock in the Mountain", bem como em camarotes no Sambódromo do Rio de Janeiro durante o Carnaval. Mesmo atuando em grandes eventos, Tamy mantém sua presença ativa nos bailes blacks que ocorrem na cidade.

A atuação de Tamy nesses espaços, especialmente após a pandemia da Covid-19, demonstra como esses territórios de sociabilidade continuam se reinventando e mantendo sua importância como pontos de encontro e afirmação cultural no contexto urbano carioca.

Mediação Cultural e Multipertencimento

A atuação de Tamy evidencia um sofisticado trabalho de mediação cultural. Sua seleção musical reflete isso: independentemente do contexto em que está tocando, ela escolhe músicas que transmitam mensagens positivas, sejam elas seculares ou religiosas. Em seu set no programa "Tamy In Rádio", que acontece na plataforma Twitch, é possível observar como ela navega entre diferentes artistas e gêneros musicais dentro da black music, incluindo samba, R&B, hip-hop, trap e artistas nacionais e internacionais.

Esta capacidade de transitar entre diferentes mundos sociais exemplifica o que Gilberto Velho (1994) denomina multipertencimento. Como ela mesma afirma: "No cristianismo tem muita essa coisa das leis da igreja. De que você não pode fazer isso ou aquilo, sabe eu mesmo fazendo eventos seculares e para algumas marcas eu acho que meu relacionamento com Deus e com a minha família está bem ok."

O conceito de mediação cultural, central para nossa análise, vai além da simples transição entre diferentes contextos. Como argumenta Velho (2010), o mediador cultural é aquele capaz de não apenas transitar, mas traduzir e ressignificar elementos culturais entre diferentes grupos e realidades sociais. No caso de Tamy, sua atuação como DJ evidencia um sofisticado trabalho de mediação que opera em múltiplos níveis: entre o sagrado e o secular; entre diferentes gerações de evangélicos; entre a cultura hip-hop e o universo gospel; e entre a periferia e os circuitos culturais mais amplos da cidade.

Regina Novaes (2018) identifica este fenômeno como parte de uma "cultura jovem cristã", que busca novas formas de expressão religiosa mais alinhadas com as experiências contemporâneas de juventude. Tamy exemplifica essa tendência ao construir uma forma própria de vivenciar sua fé em diálogo com sua atuação profissional e artística.

Do Individual ao Coletivo: Formando Novas DJs

Nos últimos anos, Tamy tem retribuído o conhecimento adquirido através do projeto "Tamy na Laje", uma iniciativa própria que visa fomentar o acesso de mulheres à discotecagem. O curso foi ministrado pela primeira vez em uma laje na Maré, em parceria com o projeto Amarever, um coletivo de audiovisual da comunidade. A oficina, que durou entre três e quatro meses, formou quatro mulheres DJs.

O projeto ganhou uma segunda edição em um bairro central da cidade, em espaço cedido por uma paróquia da Igreja Católica. A escolha de um recorte de gênero para o projeto não foi aleatória. Como Tamy reconhece, ainda existe uma significativa disparidade na presença de mulheres no mercado da discotecagem. Sua atuação como formadora busca não apenas transmitir conhecimentos técnicos, mas também criar redes de apoio e visibilidade para outras mulheres no cenário musical.

O projeto "Tamy na Laje" pode ser entendido como uma forma de "militância musical", onde o ensino da discotecagem se torna uma ferramenta de empoderamento e transformação social. Como relata uma das alunas da primeira turma: "A Tamy não ensina só a técnica, ela mostra como uma mulher pode ocupar espaços tradicionalmente masculinos sem perder sua essência."

Considerações Finais

A escolha metodológica de seguir a trajetória de uma única interlocutora nos permitiu examinar em profundidade as complexidades e nuances envolvidas nos processos de mediação cultural e multipertencimento religioso no contexto urbano contemporâneo. O caso de Tamy Reis ilustra como as fronteiras entre o sagrado e o secular estão sendo constantemente renegociadas pela juventude evangélica, especialmente através da música e das novas tecnologias digitais.

A trajetória de DJ Tamy Reis oferece importantes insights sobre as transformações em curso no campo religioso brasileiro, especialmente no que diz respeito às novas formas de vivência da religiosidade entre os jovens. Sua experiência demonstra como é possível construir pontes entre diferentes mundos sociais sem necessariamente abrir mão de suas convicções religiosas ou comprometer sua atuação profissional.

Seu caso é particularmente relevante para pensarmos as possibilidades de articulação entre diferentes pertencimentos no contexto urbano contemporâneo, especialmente para jovens negros e evangélicos. Em um contexto onde frequentemente se estabelecem dicotomias rígidas entre o sagrado e o secular, Tamy exemplifica como essas fronteiras podem ser mais porosas e negociáveis do que tradicionalmente se considera.

Referências

NOVAES, Regina. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. *INTERSEÇÕES* v. 20 n. 2, Rio de Janeiro, dez. 2018, p. 351-368.

PINHEIRO, Márcia Leitão. Na 'pista' da fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. Metrópole, cosmopolitismo e mediação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 15-23, jan./jun. 2010

VIANNA, Hermano. Funk e cultura popular carioca. *Revista Estudos Históricos*, v. 3, n. 6, p. 244-253, 1990.